

Lúcio Costa não vê necessidade de reformular Plano Piloto do DF *Brasil*

BRASILIA — Para Lúcio Costa, não há necessidade de reformular o Plano Piloto de Brasília, pois “os problemas que afligem a cidade, além de não se revertirem da alta gravidade que frequentemente se propala, podem encontrar soluções relativamente fáceis”.

Emocionado até às lágrimas, Lúcio Costa abriu o I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, promovido pela Comissão do Distrito Federal do Senado, em sessão presidida pelo senador Paulo Torres, e com a presença do governador do Distrito Federal e de todo o Secretariado, além de mais de 600 participantes do conclave.

EMOÇÃO

Lúcio Costa começou por afirmar que sua presença em Brasília se devia a uma “cortes impositiva” do senador Catete Pinheiro, que se seguiu a um convite do governador do Distrito Federal. Sua voz começou a tremer, para depois ficar embargada. Calou-se, enquanto seus olhos marejavam e algumas lágrimas deles brotaram. Um contínuo serviu um copo de água, enquanto o plenário e as galerias como nunca estiveram, prorromperam em demorados aplausos. Foi o tempo suficiente para Lúcio Costa se recompor e prosseguir na sua conferência.

Notou-se, no entanto, que sua humildade estava afrontada pela presença de um verdadeiro batalhão de fotógrafos e cinegrafistas, que o bombardeavam com os “flashes” e com as fortes luzes de iluminação especial.

— Tirem essas luzes de cima de mim — pediu, num tom que fez rir a assistência.

Lúcio Costa começou sua conferência fazendo menção a três brasileiros que, segundo ele, estão eternamente ligados à construção de Brasília: “O presidente Oliveira” (Juscelino Kubitschek de Oliveira), “o arquiteto Soares” (Oscar Niemeyer) e “o engenheiro Pinheiro” (Israel Pinheiro). Destacou, também, os operários que

para aqui vieram e, sempre sob aplausos, contou inúmeras passagens da época da construção, para caracterizar a dedicação e o amor com que aquelas três personalidades executaram seu trabalho.

Disse, aludindo a contato com JK que, em certa ocasião, sugeriu a ele que se construísse metade apenas da plataforma rodoviária, tendo em vista as despesas que adviriam com sua construção total. Em resposta, Juscelino lhe disse que a obra teria que ser feita completa, sob pena de não ser concluída mais tarde. De outra feita, Lúcio Costa ponderou ao então presidente que, caso houvesse problemas de recursos, se deixasse para mais tarde aquilo que, dentro de uma escala de prioridades, fosse menos urgente, tendo ouvido a resposta de que era preciso construir justamente o menos urgente, porque o fundamental, obrigatoriamente, teria de ser feito por quem lhe sucedesse. Esses dois fatos, para Lúcio Costa, mostram a lucidez, a visão e a coragem do construtor de Brasília.

Ressaltou, depois, o trabalho do arquiteto Oscar Niemeyer, que, segundo ele, com sua equipe de obras mas, mercê do amor e da dedicação à obra que se iniciava ali, nada o amedrontava. Faz, também, menção ao caráter de executivo do engenheiro Israel Pinheiro, lembrando os riscos, inclusive físicos, que ele teve de enfrentar para levar avanti, e com sucesso, a missão que lhe fora confiada.

SÍMBOLO

Reconhecendo serem por demais conhecidos os objetivos do Plano Piloto de Brasília, explicou, inicialmente, a filosofia urbanística de Brasília, observando que, pelo seu trabalho, a Praça dos Três Poderes seria elemento de destaque, simbolizando um braço com a mão estendida, penetrando o cerrado. Essa mão (vértice do triângulo) significaria a democracia se oferecendo ao povo, representado pelo cerrado de vegetação pobre, como a maioria da população brasileira.

A seguir, Lúcio Costa passou a focalizar objetivamente os problemas atuais de Brasília, começando por colocar-se contrário à idéia de reformulação do Plano Piloto, por entender que a solução não está em reformular, mas, sim, em atualizar e criar condições para que o Plano Piloto de Brasília, alcançando a sua plenitude, possa expandir-se e desenvolver-se.

Para Lúcio Costa, é evidente que o crescimento da cidade ocorreu de forma anômala, pois estava planejada para uma população de 500 a 700 mil habitantes. Só depois de atingido esse número, se começaria a construção das cidades-satélites. No entanto, segundo ele, houve uma inversão nesse plano, porque a mão-de-obra que afluiu para a construção aqui se fixou, quando se esperava que os trabalhadores, em pelo menos um terço, regressassem aos seus Estados de origem, sendo outro tanto desviado para a zona rural e aproveitada nas fazendas-modelo previstas e que “nem chegaram a ser implantadas”.

Lúcio Costa foi categórico ao afirmar que o plano piloto, com suas características próprias, deve ser mantido. Deve-se, agora, prever áreas adequadas para a expansão da cidade, de forma a impedir — “e isso é fundamental” — que ela, através de vias de conexão com as satélites, se alongue, ensejando que estas se juntem ao plano piloto, formando um núcleo urbano único.

Abrindo o seminário, o senador Catete Pinheiro afirmou que, “nas silenciosas mutações do mundo atual, Brasília desponta como a metrópole fustigada pelos conflitos de técnicos e conceitos e até de preconceitos, podendo parecer inexplicável o fato de que, construída sob o mais intenso combate de opositores históricos, ter sofrido distorções tão graves de implantação, que não mais podem ser ignoradas”.